



Editorial – Poder religião e violência na Bíblia 2023

Vicente Artuso ^[a]

Curitiba, PR, Brasil

^[a] Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR)

Clóvis Torquato Junior ^[b]

Curitiba, PR, Brasil

^[b] Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR)

Waldir Souza ^[c]

Curitiba, PR, Brasil

^[c] Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR)

Como citar: ARTUSO, V.; TORQUATO JUNIOR, C.; SOUZA, W. Poder, religião e violência na Bíblia. *Revista Pistis & Praxis, Teologia e Pastoral*, Curitiba, Editora PUCPRESS, v. 15, n. 03, p. 365-368, out./dez. 2023. doi.org/10.7213/2175-1838.15.003.ED01

O exercício do poder associado à violência aparece em relatos na Bíblia Hebraica e do Novo Testamento Grego, sendo um problema exegético e teológico. O leitor sente-se chocado com relatos e mesmo discursos que parecem legitimar a violência até em nome da religião. Na história de Israel encontramos relatos de abuso do poder, como também posturas proféticas de denúncia do poder e anúncios da paz messiânica. Torna-se necessário entender o contexto histórico e literário de tais narrativas. A história das religiões auxilia na compreensão da religião de Israel que foi influenciada pela cultura da época. Havia de fato cultos sacrificialistas, cultos a deuses vingativos, discursos religiosos de exclusão, de condenação, com acento na ira divina e na justiça retributiva. Nesse dossiê se propõe refletir sobre esses problemas relacionando a violência e o poder com a religião.

No conteúdo e unidade da Escritura encontra-se no decorrer da história, certas narrativas em que a violência foi desconstruída, e o método da violência foi desautorizado. Busca-se também refletir

^[a] Doutor em Teologia, e-mail: vicenteartuso@gmail.com

^[b] Doutorando em Teologia, e-mail: clovistorquatojr@gmail.com

^[c] Doutor em Teologia Bíblica, e-mail: waldir.souza@pucpr.br

sobre o exercício da autoridade numa perspectiva profética de denúncia do mal e anúncio da paz. A esperança messiânica se funda no projeto da paz, justiça e misericórdia. Jesus se opôs ao autoritarismo para reforçar que o poder é serviço. Nessa perspectiva, de colocar-se em favor dos fracos, dos pobres e sofredores, foi ele vítima da violência da cruz. À luz da prática de Jesus, quando tudo parecia perdido com sua morte, os evangelhos apresentam a ressurreição como vitória contra o mal. Assim, o presente tema, com essa rica variedade de estudos, oferece ao público uma visão crítica da religião, tanto como ela se manifestou no passado, quanto se manifesta em nosso tempo. De fato, a julgar pelos recentes acontecimentos da guerra em Israel, não raro a própria religião é usada para legitimar a guerra e a vingança, de forma impiedosa e cruel. Tanto os profetas no Israel antigo, quanto Jesus nos Evangelhos, denunciam as violências e proclamam a paz e a salvação.

Artigos do Dossiê

O artigo de Clovis Torquato Júnior e Vicente Artuso “A crucificação de Jesus no quadro das violências do Mundo Antigo: a inserção da Cruz no seu contexto original” aborda a crucificação dentro do contexto de violência do Mundo Antigo. Assim, a pergunta que norteia a pesquisa é: A crucificação deve ser vista como um ato isolado, no qual Deus sacrificou seu Filho? Fica patente na pesquisa que “a crucificação foi a principal forma de matar violentamente no Mundo Antigo, eleita pelos romanos como propaganda de terror de Estado e de advertência contra criminosos”.

Adriano Lazarini Souza dos Santos e Edelcio Ottaviani apresentam a hermenêutica aplicada por René Girard à perícopes do endemoninhado geraseno na sua trílice tradição sinótica (Mc 5,1-20; Mt 8, 28-9,1a; Lc 8,26-39). Segundo os autores, a revelação judaico-cristã apresenta os efeitos nocivos do círculo vicioso da violência, denominado por René Girard: “mecanismo do bode expiatório”. O Novo Testamento propõe a superação desse mecanismo perverso por meio da oferta que Jesus faz de si. As vítimas se tornam proclamadores da boa nova sobre a violência superada, como é o caso do endemoninhado libertado que se tornou missionário.

Waldecir Gonzaga e Filipe Galhardo Sant’Anna analisam Ap 21,1-8, na sua estrutura e constituição textual, como uma crítica contra o imperialismo apocalíptico. Com a metodologia de análise utilizada, constata-se nesse texto “as sobreposições e paralelismos concêntricos, que colocam em relevo o poder imperialista e a Nova Criação da imagética tipicamente apocalíptica”.

Fábio da Silveira Siqueira e Heitor Carlos Santos Utrini, com o título “Ó Deus, não permaneças em silêncio! (Sl 83,2a)” abordam os salmos imprecatórios, que são um grito do injustiçado contra a violência. O artigo tem o objetivo apresentar o sentido teológico da impreciação, tanto na Escritura quanto na própria existência humana.

O artigo de Zuleica Aparecida Silvano sintetiza os resultados da análise exegética de Nm 35, que trata de leis referentes às cidades de refúgio para livrar o homicida das mãos do vingador de sangue. O artigo objetiva também “oferecer outras traduções e interpretações de Nm 35,25 à luz dos textos que descrevem as práticas legais de compra e venda no Antigo Oriente e dos ritos de libertação de escravos”.

Os frágeis e menos favorecidos são os que mais sofrem as consequências dos desmandos dos poderosos. A situação precária das vítimas da violência é a causa manifesta de que Deus assuma sua defesa e proteção. Assim, o artigo de Leonardo Agostini Fernandez e Luiz Alexandre Solano Rossi, “O profetismo autêntico confronta as autoridades injustas: análise exegética de Miqueias 3,1-8”, apresenta

a exegese de Miquéias 3,1-8, que revela o verdadeiro profetismo em Israel denunciando a brutalidade política e religiosa contra os fracos.

Rosemary Francisca Neves Silva e Valmor da Silva trazem o tema “O poder do silêncio nos cantos do servo e na escravidão do Brasil”, oferecendo uma reflexão sobre a resistência diante da opressão sofrimento do servo. São analisados os quatro cantos do Servo (Is 42,2; 49,4; 50,4; 52,15) com atenção nos versículos sobre o silenciamento. Com essa exposição, o estudo vem demonstrar como o silenciamento das pessoas oprimidas pela escravidão pode inverter-se em força transformadora, através da fé em divindades libertadoras.

Por fim, Eliseu Pereira apresenta o artigo: “Poder-servitude: um novo modelo de exercício de poder segundo Jesus em Mateus 20,20-28”. O estudo, resultado de sua tese de doutorado na PUCPR, apresenta a síntese do ensino de Jesus sobre o exercício do poder. O poder é diaconia segundo a ética do reino de Deus. Jesus reprova o modelo de poder dos “governadores” e “grandes” referido como “poder dominação”, e propõe o poder serviço, baseado na sua própria pessoa e exemplo.

Artigos do fluxo contínuo

O artigo de Carlos Olivares, “Perspectiva narrativa de la figura del narrador en el Evangelio de Mateo”, utilizando os pressupostos metodológicos e ferramentas operacionais da crítica narrativa, explora a figura literária do narrador no Evangelho de Mateus. O artigo examina, na perspectiva do leitor implícito, as características do narrador, com foco em sua narração onisciente e intrusiva.

Elvis Rezende Messias apresenta em “O desafio da centralidade humana hoje à luz do pensamento de Fabrice Hadjadj e do ensino social católico: implicações à questão econômica”, que tem como problema central compreender as possíveis imbricações entre a reflexão feita por Hadjadj e o magistério social católico, com vistas a entender em que medida o ensino da Igreja ainda tem validade atualmente. Como resultado da investigação, o autor conclui que “há convergência entre a teologia latente presente no texto de Hadjadj e a clarividente antropologia teológica expressa na Doutrina Social da Igreja”.

Emanuelly Silva Falqueto, em “O retrato das mulheres nas comunidades cristãs primitivas no livro Atos Dos Apóstolos” apresenta de que maneira as figuras femininas são mencionadas no texto, discutindo o papel da mulher na Igreja Católica.

Brasil Fernandes de Barros, em “Uma nova abordagem para a mística: a realidade periestésica e a divisão em camadas”, a partir conceito computacional “dividir para conquistar”, propõe a divisão da mística em camadas, o que permitiria um estudo distanciado em diversas tradições. Ele cunhou o termo “realidade periestésica” para tratar do transcendente com o devido agnosticismo metodológico.

Bruno Mateus de Lima Coutinho, Ildo Perondi, Nicolas Moura e Eva Gislane Barbosa apresentam o artigo “Poder, liderança e violências: reflexões nas mensagens de Jesus de Nazaré”. O artigo revela como Cristo propõe a lei do amor: rompendo com a lei do Talião. Diante dos líderes poderosos, ele se autodenominava “Bom Pastor”, assim veio para proteger, cuidar e ser servidor. Seu múnus é bem diferente do que fora apresentado por Pilatos no alto da cruz: Jesus Nazareno Rei dos Judeus.

Agradecemos aos colaboradores e colaboradoras desse número e auguramos uma leitura proveitosa da riqueza e variedade dos temas apresentados!